



## DANÇAS DO LUGAR E LUGARES SIMBÓLICOS NO EIXO VIVIDO QUISSAMÃ, CARAPEBUS, MACAÉ

Leticia Alves Pessanha <sup>1</sup>

### RESUMO

No presente texto, o objetivo direcionou-se a interpretar os espaços que se projetam lugares simbólicos por meio do balé do lugar de indivíduos e grupos sociais no eixo vivido e na teia de rotas nos sentidos Quissamã, Carapebus e Macaé, através de suas danças dos lugares. Em tempos de movimentos populacionais diversos e de um estilo de vida complexo e agitado, urge compreender de indivíduos e grupos sociais suas aspirações, lutas, urgências e júbilos vivenciados nas trilhas do permanente ir e vir. Nestes caminhos, esse estudo justifica-se por descortinar as rotinas espaço-temporais e suas danças dos lugares nos movimentos cotidianos e, neste âmbito, sua contribuição para o surgimento, vale repetir, de lugares simbólicos eleitos nos trajetos Quissamã, Carapebus, Macaé. Trata-se de um esforço de tradução dos movimentos, interações, coreografias, fluxos e experiências cotidianas ainda não exploradas nos estudos fluminenses na academia. A análise da simbologia dos lugares, monumentos, espaços das cidades torna-se, então, de expressiva relevância voltadas para elementos por vezes tão corriqueiros, porém, repletos de significados e simbolismo, tecidos na vivência e apropriados por meio do sentimento, do reconhecimento e do pertencimento.

**Palavras-chave:** Geografia humanista; Lugares simbólicos; Danças-do-lugar.

### RESUMEN

En el presente texto, el objetivo se dirigió a interpretar los espacios que se proyectan como lugares simbólicos a través del ballet de lugar de individuos y grupos sociales en el eje vivido en el entramado de rutas en las direcciones Quissamã, Carapebus y Macaé, a través de sus danzas de lugares. En tiempos de diversos movimientos de población y de un estilo de vida complejo y agitado, urge entender de los individuos y grupos sociales sus aspiraciones, luchas, urgencias y júbilos vividos en los senderos del permanente ir y venir. En estos caminos, este estudio se justifica por desvelar las rutinas espacio-temporales y sus danzas de lugares en los movimientos cotidianos y, en este contexto, su contradicción con la emergencia, digna de repetirse, de los lugares simbólicos elegidos em Quissamã, Carapebus, Macaé. Se trata de un esfuerzo por traducir los movimientos, las interacciones, las coreografías, los flujos y las experiencias cotidianas aún no exploradas en los estudios del estado de rio de janeiro em la academia. El análisis de la simbología de los lugares, monumentos, espacios de las ciudades se vuelve, entonces, de relevancia expresiva volcada a elementos a veces tan cotidianos, sin embargo, llenos de significados y simbolismos, tejidos en la experiencia y apropiados a través del sentimiento, el reconocimiento y la pertenencia.

**Palabras clave:** Geografía humanista; Lugares simbólicos; Danzas del lugar.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ - RJ, <[leticiapessanharj@gmail.com](mailto:leticiapessanharj@gmail.com)>;



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a coreografia dos lugares realizada pelos indivíduos entre as cidades de Quissamã, Carapebus e Macaé situados no norte do Estado do Rio de Janeiro e a construção de lugares simbólicos a partir deste balé do lugar, do movimento diário casa-trabalho-estudo-casa. O texto compartilha dos princípios e conceitos da geografia humanista, tencionando desvendar o caráter simbólico dos trajetos e dos lugares dos entrevistados. Um dos preceitos da corrente supracitada fundamenta-se em reconhecer a alma dos lugares, traduzindo as essências da relação dos seres humanos com os seus universos vividos, com base nas experiências do ritmo imposto no vai e vem cotidiano.

Nesse trânsito, o objetivo deste trabalho é interpretar os espaços que se projetam lugares simbólicos por meio do balé do lugar de indivíduos e grupos sociais no eixo vivido e na teia de rotas nos sentidos Quissamã, Carapebus e Macaé. Em tempos de movimentos populacionais diversos e de um estilo de vida complexo e agitado, urge compreender de indivíduos e grupos sociais suas aspirações, lutas, urgências e júbilos vivenciados nas trilhas do permanente ir e vir.

Nestes caminhos, esse estudo se justifica por descortinar as rotinas espaço-temporais e suas danças dos lugares nos movimentos cotidianos e, neste âmbito, sua contribuição para o surgimento, vale repetir, de lugares simbólicos eleitos nos trajetos Quissamã, Carapebus, Macaé. Trata-se de um esforço de tradução dos movimentos, interações, coreografias, fluxos e experiências cotidianas ainda pouco exploradas nos estudos fluminenses na academia. A análise da simbologia dos lugares, monumentos, espaços das cidades torna-se, então, de expressiva relevância voltadas para elementos por vezes tão corriqueiros, porém, repletos de significados e simbolismo, tecidos na vivência e apropriados por meio do sentimento, do reconhecimento, do pertencimento, ganhando o status de símbolos.

A redação, fruto de meu trabalho dissertativo, procede de uma motivação pessoal e particular decorrente de minha trajetória de vida, assim como, do meu pertencimento às alas da geografia acadêmica e profissional. Nascida em Macaé, mas criada em Quissamã, formada academicamente em Campos dos Goytacazes, especializada em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro pela UERJ (campus



Maracanã) e docente no circuito Macaé e Rio das Ostras me vi motivada a escrever um trabalho abraçando os lugares efetivos e afetivamente percorridos ao longo dos percursos da vida e tendo como luminária os lugares de origem e trabalho (Macaé) e de pertencimento (Quissamã). O recorte espacial da pesquisa deriva de minha observação neste ou aquele município entre os lugares/percursos casa-trabalho-estudo-casa. Diante faz-se necessário desenvolver um breve aporte teórico-metodológico sobre a temática desenvolvida ao longo do texto.

## **METODOLOGIA**

Para atingir os seus propósitos, a pesquisa enveredou por depoimentos colhidos em conversas informais. “O contato direto com as pessoas e as situações constituem estratégias integradas de pesquisa que colaboram para a organização crítica no processo de investigação” (MELLO, 2011, p. 8). Quanto às entrevistas, o intuito perpassou a identificação das experiências cotidianas nas rotinas espaço-temporais envoltas em significados, valores, persistências e interiorizações nos itinerários transformados em lugares simbólicos para os entrevistados. Trata-se de buscar por experiências íntimas, aquelas guardadas no “mais profundo do nosso ser” (TUAN, 2013a, p. 167), elementos provenientes das práticas cotidianas e dos valores geográficos, culturais, históricos, afetivos e simbólicos.

As entrevistas informais, bate papo e conversas (NOGUÉ Y FONT, 1992) foram buscados justo com os indivíduos que realizam deslocamentos entre os municípios de Quissamã, Carapebus e Macaé. Este eixo e ziguezague de rotas, vale repetir, compõe o recorte espacial em particular deste trabalho. Assim, a pesquisa visou descortinar, no sentido de revelar, aquilo que faz parte do movimento cotidiano como, os sentimentos, afeições e expressões adquiridas nas danças do lugar. Isto não fere os princípios do humanismo em geografia. Muito pelo contrário. No que concerne às entrevistas, o contato com as pessoas e as situações podem ser meios integrados de pesquisa que colaboram para uma organização crítica no decorrer da elaboração do estudo. Tal modalidade, considerada como “trabalho de campo experiencial”, conforme Nogué Y Font (1992), “deve ser livre, informal, espontâneo, sem limitações de tempo e temas, ao ritmo da pessoa entrevistada e se possível em seu próprio meio, rodeada da paisagem que normalmente contempla”, sobretudo se o pesquisador pretende “conseguir uma



análise fenomenológica completa” (NOGUÉ Y FONT, 1992, p. 95). Com isso, poderá ser selecionado um elenco de experiências que seja válido para se averiguar o tema em questão e, nestes termos, seguir a linha adotada por geógrafos da perspectiva humanista, qual seja: sentimentos, entendimentos, grafia, signos, textos verbais, obras edificadas pelos homens, linguagem gestual e, assim por diante, podem ser pretexto para a elaboração de um estudo da geografia humana (MELLO, 2000) e, na redação presente, no ritmo das interações e/ou do balé do lugar.

Nesta trilha, a pesquisa contemplou fontes escritas bibliográficas, entre elas, livros e periódicos, especificamente revistas científicas, estendendo-se até os recursos orais, recorrendo, neste caso, aos depoimentos dos indivíduos que vivenciam essa dinâmica do universo vivido. Neste contexto, autores como Yi-Fu Tuan (1983) e David Seamon (2013), entre outros contribuem para as bases teóricas do estudo. Nesta direção, essa investigação segue os princípios da perspectiva humanista, na qual as ações humanas podem ser entendidas por meio de teorias que considerem seus significados, valores, propósitos e aspectos subjetivos procurando, cabe frisar, analisar os lugares simbólicos nas veredas vividas. Por conseguinte, aprofundaremos os aportes e pressupostos teóricos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nos lugares ou lares, as pessoas gozam de conforto, aconchego e segurança cotidianamente em meio às lutas, aos afazeres diários, como trabalho, compras, lazer e encontros (MELLO, 1993). Diante deste quadro do trivial geográfico ou da lida do dia a dia emergem lugares simbólicos. No momento em que o lugar transcende a sua materialidade e os homens lhe conferem significados nas vivências individuais e coletivas, o mesmo alcança contornos simbólicos.

Dentre as temáticas exploradas pela geografia humanística, está o conteúdo simbólico dos lugares (COSTA, 2008). Sobre o simbolismo dos lugares, Costa (2008) defende:

O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que se une a uma ideia, um valor, um sentimento. Entendemos,



portanto, que as mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares (COSTA, 2008, p 149).

Os símbolos, mediadores nas relações entre as experiências e a comunicação humana, constituem instrumentos de conhecimento e comunicação. Uma vez que, os indivíduos e grupos sociais convertem seu mundo vivido em uma complexidade de significados, revelados nos lugares, bases para o processo de simbolização, e nesse seguimento, no delinear de elementos do cotidiano em símbolos carregados de expressão, relevância e significação (COSTA, 2008).

Os lugares plenos de carga simbólica encontram-se carregados de distintos significados para cada indivíduo ou grupo social segundo as experiências vividas. Conforme indica Corrêa (2012, p. 139) são “dotados de uma singularidade simbólica”. Uma rua, praça, bairro ou cidade, vale repetir, constituem exemplos. O simbolismo em um lugar pode aflorar de maneiras diferentes. Neste âmbito, Corrêa (2012), ensina:

o sentido simbólico de um lugar, por um lado, pode ser construído tanto por seus moradores quanto por interesses e pessoas externas ao lugar, seja a população em geral ou um específico segmento dela, seja grupos empresariais ou ainda o Estado (CÔRREA, 2012, P.140).

O horizonte humanístico revela: lugares simbólicos florescem no cotidiano, no decurso do envolvimento, da aproximação, delineando o pertencimento, a atribuição de valores, significados íntimos e coletivos, e geografias particulares no curso da vida. Diante disso, “o lugar comporta o conjunto de símbolos que representam o universo do significado em oposição ao mundo físico do sujeito” (COSTA, 2008, p. 115). Os lugares alcançam expressão muito além da sua concretude.

Nestas circunstâncias, nas relações entre lugares e símbolos, “o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico” (COSTA, 2008, p. 155), através de laços emocionais edificados ao longo dos anos.

Mello (2003) defende a categoria dos lugares/símbolos como entes queridos, revestidos de simbolismo e memória, “compartilhados e forjados por intermédio de edificantes significados” (MELLO, 2003, p. 167), aflorados pela experiência, afeição e intimidade. Ainda para o autor (2008, p. 184), “o caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando e traduzindo um passado e o conectando ao



presente”. Nessa ala, encontramos os símbolos oficiais, construídos pelo Estado ou grupos dominantes e muitas vezes impostos, ao lado destes, os símbolos vernaculares, edificadas na esfera popular, permanentemente ancorados na memória e no pertencimento (MELLO, 2008). Ambos remontam ao significado dos lugares simbólicos de toda gente.

O geógrafo Roberto Lobato Côrrea (2012) discorre sobre os lugares simbólicos: dizem respeito aos artefatos, isto é, as formas simbólicas espaciais, seriam localizações com forte carga de significação, cabe frisar, os palácios, templos, cemitérios, nomes de ruas, shoppings, montanhas, rios, bairros, logradouros e prédios, repletos de significados políticos, religiosos, étnicos ou associados ao passado e abraçados por indivíduos e grupos sociais.

Nesta empreitada, Côrrea (2012) discorre com base em Boyer (1994) sobre uma classificação dos lugares simbólicos, quais sejam, aqueles retóricos e mesmo os: os lugares vernaculares. Os primeiros se referem às práticas oficiais, como os de cerimônias cívicas. Os segundos concernentes às práticas populares, realizadas nos lugares públicos das tradições populares dos locais. Nesse bojo, com vistas ao sentido simbólico de um lugar, Côrrea (2012) defende:

os lugares simbólicos resultam de complexo processo de criação, interno ou externo para o qual há várias tensões que envolvem diferentes agentes sociais, criadores e usuários de significados. Desse processo, resultam a preservação ou a transformação, parcial ou não, dos lugares simbólicos” (CÔRREA, 2012, p. 140).

O simbolismo de um lugar tem o seu sentido ligado aos significados individual ou socialmente construídos por indivíduos ou grupos sociais. Nessa via, os lugares são impregnados de sentimentos e de conteúdo simbólico edificadas pelo seu povo. Diante dessas reflexões, cabe ressaltar, lugares simbólicos como importante campo de estudo para os geógrafos da linha humanística, oferecendo base conceitual para refletir e compreender sobre a alma dos lugares, foco dessa corrente.

Em seus escritos, Yi-Fu Tuan retoma uma conceituação utilizada nos anos quarenta e por ele revista a partir dos anos setenta “geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1991, p.89). A geografia, de cunho humanista, procura analisar a dimensão humana dos lugares através do mundo vivido repleto de sentimentos, pensamentos, movimentos e pertencimentos daqueles que vivem e atuam



no espaço transformado em lugar (MELLO, 1991; 2011). Neste alinhamento, os homens desenvolvem importante elo com seus lugares e esse pertencimento floresce, muitas vezes, em trajetórias e movimentos cotidianos que perfazem as coreografias diárias compondo os alicerces da afetividade humana com seus ambientes vividos (SEAMON, 2013). Tal perspectiva pode ser alcançada por meio das relações entre trajetos, lugares e significados, aos lugares simbólicos plenos afeição, bem querência e/ou abandono e repúdio.

Essa relação concreta entre os seres humanos e a Terra (DARDEL, 2011) com seus ambientes vividos, como, os laços afetivos com o solo natal, a rua da casa, o bairro, a praça, a igreja, a casa da vovó, todos esses, lugares íntimos, “onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas” (TUAN, 2013a, p. 168), perfazem as geografias particulares e vividas, sendo ponto de interesse da geografia humanística.

A mobilidade humana no espaço também é um dos assuntos de grande interesse dos geógrafos das diversas correntes do pensamento geográfico, uma das temáticas centrais desse saber (MELLO, 2012). Neste atalho, a geografia humanista tem igualmente conferido suas contribuições.

A corrente humanista considera os indivíduos, os sujeitos e suas geografias íntimas produzidas no seu cotidiano, nos seus trajetos, nas suas vivências e que todo ser humano atribui significados ao ambiente a sua volta a todo momento, seja no dia a dia, de casa para o trabalho, ou nos momentos festivos, de devoção ou de lutas.

De acordo com as elucubrações de David Seamon (2013), o termo de *place-ballet* une rotinas espaço-temporais e as danças-do-corpo em termos de lugar. Esse conceito foi traduzido por Mello (2012) como balé-do-lugar ou mesmo coreografia empreendida na praxe, por meio da fusão entre o balé-do-corpo, os passos, itinerários e movimentos, com a rotina espaço-temporal, as atividades cotidianas num ambiente vivido.

E mais recentemente, Paulo Mauricio Gonçalves, em 2013, traduziu o artigo *Body-subjects, time-space routines, and place-ballets*, tal como, as ideias de Seamon (2013) com a expressão dança do lugar. Para o geógrafo brasileiro, a tradução literal não expressa exatamente o pensamento de Seamon, que comparou os movimentos dos corpos com uma coreografia de dança, visto isto, o tradutor considerou ser mais amplo e apropriado o termo dança para indicar o curso, a dinâmica, os gestos e os fluxos das



pessoas, assim, relacionando o ir e vir do corpo no dia a dia em um suporte físico, tornado lugar pela vivência e sentimentos adquiridos através do pertencimento (SEAMON, 2013).

Nas palavras de Rafael Oliveira (2002), o geógrafo humanista Seamon (2013) explorou “a dinâmica das interações espaciais e as coreografias do cotidiano, na qual geram centralidades, abordando os fixos e a convergência para diversas direções, dos fluxos” (OLIVEIRA, R., 2002, p. 149). O autor une categorias do Côrrea (1997) com as ideias de Seamon (2013), para explicar o pensamento do pesquisador humanista. Contudo, o escritor da corrente humanista procura construir uma geografia fenomenológica para compreender, principalmente, “como as pessoas vivem em relação aos seus lugares, espaços e ambientes cotidianos” (SEAMON, 2013, p. 5), produzindo categorias para examinar tais preocupações.

As rotinas espaço-temporais e as danças-do-corpo perfazem a dança do lugar. Os trajetos de ir e vir do trabalho, se vestir, ir à padaria, compõem a coreografia do cotidiano, as rotinas. Os movimentos do corpo, escovar os dentes no banheiro, fazer o café na cozinha, deitar-se na sua cama, constituem o bailar diário do corpo (OLIVEIRA, R., 2002).

Ao analisar os movimentos cotidianos de indivíduos ou de grupos sociais em seus lugares de significado, Seamon (2013) cunhou a categoria movimento cotidiano no espaço, definindo como “qualquer deslocamento espacial do corpo ou corporalmente iniciado pela própria pessoa (SEAMON, 2013, p. 5). A título de exemplo, o dirigir para casa e o alcançar uma tesoura em uma gaveta. Os percursos podem ser transformados pelos seres humanos em lugares. A maioria dos movimentos diários não são tão grandes. Em casa, por exemplo, os cômodos e os móveis formam caminhos e ziguezagues seguidos todos os dias.

Dessa forma, no cotidiano, os trajetos sejam no lar, ou fora dele, como casa-trabalho, casa-igreja, apresentam uma gama consistente de significados e repletos de “uma estabilidade que são traços característicos de lugar” (TUAN, 2013a, p. 220). Por isso, muitas pessoas encontram dificuldade de desviar seus trajetos rotineiros, uma vez que aqueles percursos estão introjetados em suas vidas, sendo, portanto, seus lugares. “O caminho e as pausas ao longo dele, juntos, constituem um lugar maior – lar.” (TUAN, 2013a, p. 220). Um lar composto não só pela casa, mas por toda a sorte de artefatos que adquirem valor pelo caminho. Os lugares são a essência da vida do





homem, sendo portos seguros, e “não há vida humana sem fluxo, movimento, relações - , a essência do corpo e do lugar está no devir” (CHAVEIRO, 2012, p. 251). Conhecer pressupõe deslocamento, é preciso mover-se para sentir, desbravar e saborear o mundo, conferir significado a cada “experiência geográfica” (HOLZER, 2012b).

Sendo assim, o horizonte humanista revela: lugares simbólicos florescem no cotidiano, no decurso do envolvimento, da aproximação, delineando o pertencimento, a atribuição de valores, significados íntimos e coletivos, e geografias particulares no curso da vida. Diante disso, “o lugar comporta o conjunto de símbolos que representam o universo do significado em oposição ao mundo físico do sujeito” (COSTA, 2008, p. 115). Os lugares alcançam expressão muito além da sua concretude. Nestas circunstâncias, nas relações entre lugares e símbolos, “o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico” (COSTA, 2008, p. 155), através de laços emocionais edificados ao longo dos anos.

Diante disso, a pesquisa pretende mergulhar nos ziguezagues de rotas, movimentos constituintes de lugares simbólicos nos rumos à Quissamã, Carapebus e Macaé. Para tanto, no decorrer desta pesquisa, foram realizadas entrevistas informais, espécies de bate papo, colhidas aqui e ali. Neste âmbito, a fenomenologia serve de apoio a essa investigação que se encontra nos caminhos da geografia humanística. Diante do exposto, esta corrente filosófica e o referido saber serão buscados enquanto grandes contribuintes para a elaboração do texto em curso.

Nessa esteira, a vida na rotina do cotidiano é familiar (TUAN, 2013a). Aquele gole de café preto de manhã e a necessidade de chegar na hora no trabalho são elementos da prática habitual das pessoas. Muitas habilidades apreendidas tornam-se naturais, comuns e simples, tanto quanto, o ato de respirar. Muito do nosso conhecimento não foi adquirido através da educação formal. Aprendemos a gostar de pessoas, lugares, comidas entre outros artefatos, por exemplo. Como também descobrimos como andar de bicicleta ou conhecemos nossa cidade e bairro sem necessariamente ter tido instrução formal para desenvolver tais competências (TUAN, 2013a). Por meio das atividades rotineiras há o desenvolvimento de um entendimento do mundo vivido de cada um, nas experiências diárias apreendo e me apropriando dos lugares que constroem as geografias da vida.



Neste rito, as falas, relatos, ideias e anseios de nossos entrevistados, com toda a subjetividade captada, são a trama da parte seguinte, procurando no movimento cotidiano revelar as rotinas espaço-temporais transformadas em nas coreografias e nas danças do lugar, e em potenciais lugares simbólicos que permeiam os mundos vividos das pessoas em movimento no ziguezague de rotas pesquisado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os lugares estimados, amados e significados, podem ser símbolos, tecidos pela experiência, confiança e afeição, constituintes dos lugares simbólicos. A definição de lugares/símbolos (MELLO, 2003) procede de significados estabelecidos pela identidade, referência e pelo simbolismo criados pelos indivíduos e grupos sociais nas lutas, nos embates, com suor, amor e apego. “Os lugares/símbolos são entes queridos merecedores de considerações especiais” (MELLO, 2003, p. 1). Por isso, destacamos “o caráter simbólico dos lugares” (MELLO, 2008) do dia a dia nos itinerários (CÔRREA, 2012) no vai-e-vem das rotas Quissamã, Carapebus e Macaé.

Nos percursos diários surgem lugares de bem querência, com traços de amenidade, bem-estar e apazibilidade. A praia e o mar constituem lugares simbólicos das coreografias cotidianas no acesso à cidade de Macaé dos sujeitos vindos de Carapebus e Quissamã para suas ocupações diárias, seja trabalho e/ou estudo. Tal carga vem por meio da permanência, da vivência, da afeição, da suavidade e do cenário natural de agradabilidade. Nas palavras de Tiago: *a praia é uma bela visão quando a gente chega em Macaé, dá tranquilidade pra gente*. Em outra fala, Maria Rita confirma: *quando está claro, que dá para a gente ver, eu gosto muito de olhar o mar, é um lugar bonito e agradável do caminho. No horário de verão, quando podemos ver o mar na volta para casa, é bom e tranquiliza a mente*. Os depoimentos acima plenos dos encantos dos mares fazem com que as pessoas se evadam de suas existências após uma jornada de trabalho. Nesta confluência de labor e sedução ocorre a eleição de lugares simbólicos, tendo em vista que, tanto a praia quanto o mar representam a identificação desses transeuntes com um panorama amplo que transcende sua condição assumindo fascinantes significados.

Singrando pelos mares, outras falações registram o apego, bem como a visualidade proporcionada pelo espetáculo da mãe natureza. Na fala de Horácio: *a praia*



*é muito interessante de se ver, dá uma calma na gente.* Para o depoente Lucas: *o mar em Macaé é bom, traz uma paz quando a gente passa.* Nesse contexto, a simbologia é forjada por meio de marítimos e edificantes significados. Como na declaração de Daiana: *no caminho, o que mais me chama a atenção é a chegada a Macaé, a praia da barra, onde ficam barcos, os coqueiros e a ponte. Eu gosto de ver essa parte.* Nesse ponto, cabe sublinhar, “os elementos da natureza têm significados simbólicos para cada homem, cada cultura” (NOGUEIRA, 2013, p. 85). Assim, os lugares, plenos de intenções e valores, são resultados de relações humanas, das trocas entre o homem e a natureza, construídos no plano do vivido, tecidos por uma rede de definições e sentidos, alcançando simbólicas dimensões.

Ainda na galeria de ambientes naturais, repletos de significados, temos nos caminhos da vida desses trabalhadores, a restinga, a área com eucaliptos e os morros como lugares simbólicos eminentemente do prazer em apreciar o verde e toda a significância trazida por essas superfícies, na verdade, domínios “qualitativos onde podem ser desfrutados momentos especiais de contemplação” (MELLO, 1993, p. 33), mesmo que efêmeros. São condições diárias, capazes de formar lugares de vida, de paz e de contentamento.

Nessa esteira, os depoimentos refletem as luzes deste âmbito natural. Nas palavras de Raquel: *é muito interessante a parte da restinga, porque muitas vezes ninguém nem sabe que é a Jurubatiba. Parece um mar verde quando a gente chega ali.* No mesmo sentido Lucas declarou: *a restinga sim me chama a atenção, é bonito de se ver, mas preocupante, pois a comunidade invade aquela área. Devia ser mais preservada ainda.* Essa vegetação, vale firmar, faz parte de uma extensa área de preservação ambiental. Criado em 1998, o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PARNA da Restinga de Jurubatiba) abrange os municípios de Macaé, Carapebus e Quissamã, com área total de 148,6km<sup>2</sup>. O mesmo teve o objetivo de preservar uma “região de grande diversidade de habitats e riqueza florísticas” (PEREIRA; CORDEIRO; ARAÚJO, 2004, p. 677), se constituindo em importante zona de proteção do bioma da Mata Atlântica e do ecossistema de restinga. A parte citada se localiza em Macaé, menor porção do PARNA, contudo, uma das mais atingidas pelas ações humanas de degradação.

Na galeria dos ambientes de regozijo, as áreas com eucaliptos eclodem com fortes significados, como nas declarações de Jaqueline: *as áreas com eucaliptos sempre me chamaram a atenção. É mais fresco. Dá uma sensação boa quando a gente passa ali.* A



*única parte que eu gosto.* Isto posto, vale acentuar, as pessoas podem “sentir prazer no contato com o meio ambiente natural e/ou construído”. Isto faz parte da condição humana, esse “elo afetivo entre nós e a natureza” (OLIVEIRA, L., 2013, p. 91). Centremos nossa atenção nas palavras de Marcia em sua entrevista: *a paisagem verde eu gosto, me encanta a parte dos eucaliptos. É muito bacana passar ali, sentir o cheiro também é tão bom!* Em outra fala, Elessandra expressa: *a parte dos eucaliptos eu gosto, aquela fragrância, é muito bom sentir o cheiro.* Consideremos a propósito uma passagem de TUAN (2012b, p. 27): “o odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos”. Com os sentidos, visão e olfato podemos perceber e significar nosso mundo vivido, assim como a declarante. Todos os seres humanos compreendem o mundo simultaneamente através dos sentidos, projetando significados para seu universo vivido (TUAN, 2012b).

No nicho dos lugares do bem-estar, os morros e as paisagens rurais permeiam os caminhos a Carapebus tornando-se simbólicos. Numa declaração Tais relata: *por dentro de Carapebus o caminho tem morros, alguns até mais íngremes. É muito bonito. Gosto de passar ali e observar.* Mais a seguir evidenciamos um depoimento de Luene: *quando vou trabalhar gosto de olhar a paisagem. Ver os morros. São lugares bonitos e distraem a viagem.* Pode se encontrar simbolismo nas paisagens do meio ambiente natural (COSGROVE, 2004), múltiplos significados podem ser atribuídos a esses lugares, por meio de experiências, da beleza, do encantamento e da admiração. O discurso de Laiz elucida a perspectiva apontada: *as paisagens rurais são bucólicas e bem mais agradáveis, me passam calma e paz. Sinto uma certa nostalgia e também satisfação quando observo essas paisagens ao longo do caminho até Macaé para estudar.* Muitas vezes, os valores do campo estão relacionados à demanda por uma vida ideal (OLIVEIRA, L., 2013), pois, “o homem citadino busca, também, nas paisagens rurais (e silvestres) fontes de inspiração para viver a “boa vida” em um ambiente próximo (ou cópia) da natureza espontânea” (MELLO, 1993, p.3). As expressões simbólicas afloram através dos sentimentos, sensações e sentidos. Por isso, mesmo os movimentos cotidianos revelam faces e nuances de pertencimento. Quando a “dança do lugar contempla “uma sinergia ambiental na qual homens e partes materiais involuntariamente promovem um todo maior” (SEAMON, 2013, p. 4), nesse fervor, “os sonhos e devaneios aliviam as dores e conduzem os indivíduos a lugares encantados” (MELLO, 1993, p. 39), a lugares simbólicos.



Deixando o magnetismo dos panoramas naturais ancoremos no urbano, por excelência. No que concerne aos lugares simbólicos dos domínios urbanos, encontram-se, fruto das apreciações dos depoentes, o estádio Cláudio Moacyr de Azevedo e o polo industrial de Cabiúnas localizados em Macaé, como também o pórtico de Quissamã e a ponte de Carapebus. Como anunciado por Tuan (2013b, p. 5), “as cidades são artefatos e mundos de artifício”. A urbe, igualmente se constitui em lugar pleno de significados, pois, possui símbolos bem visíveis e de diversas grandezas. Não obstante, a própria cidade é um símbolo (TUAN, 1983).

Em foco, o estádio, popularmente apelidado de Moacyrzão, foi inaugurado em 1982, passando por uma reforma no ano de 2010 com vistas a modernização da arena, pertencente à administração pública municipal. Nos dias de hoje, recebe jogos de futebol dos campeonatos brasileiros e carioca manifestando, desta maneira, sua posição de lugar central. Esta construção dedicada ao esporte representa um lugar e um referencial geográfico pela sua magnitude, localizada à beira de importante via de acesso ao centro da cidade. Sua expressão simbólica sugere laços de familiaridade e pertencimento cultivados pelos seus frequentadores, torcedores, que vivem intensas experiências no local, mais ainda, sua relevância é reconhecida por aqueles que nunca adentraram suas instalações, se beneficiando do mesmo enquanto indicador geográfico na cidade.

Nas entrevistas e “papos informais”, o depoente Tiago apontou: *o estádio é o que me chama a atenção nesse caminho que eu faço pra trabalhar. Ele ficou bem melhor com essa reforma que fizeram. Agora a gente pode até assistir jogos dos times grandes aqui pertinho de casa.* Um outro jovem, Otávio, salientou: *quando venho para Macaé estudar sempre que chega no Moacyrzão já sei que está perto do Centro, que estou chegando.* Essas informações contribuem para superar a materialidade da edificação do estádio transformando-o em um símbolo de bem querência e de referência, lugar simbólico para indivíduos e grupos sociais e representativo da cidade de Macaé.

Outro lugar citado nas entrevistas, Cabiúnas, vem a ser uma localidade no subúrbio de Macaé, ponto de passagem para os que acessam ao centro da cidade vindos de Carapebus e Quissamã. No local funciona um polo industrial, onde se localizam um terminal da Petrobras, a Imetame, a Sotreq, a FMC, entre outras empresas. Também se encontra um destacamento do Corpo de Bombeiros e um aterro sanitário desativado. Nas conversas informais, outra jovem de nome Leticia sublinhou: *quando chega em*



*Cabiúnas já sei que estou mais próxima do trabalho.* Os lugares podem ter seu caráter simbólico relacionado à permanência e ao pertencimento, possuindo expressão enquanto referenciais geográficos nos itinerários das pessoas, como relatado pela depoente. Em prosseguimento, reproduzindo as ideias de Cicero: *as mudanças que fizeram em Cabiúnas me chamam a atenção. Lembro quando ali era um brejo. Aterraram tudo para construir as avenidas e as indústrias. Está muito diferente.* Neste particular, vale enfatizar, cada ser humano constitui um geógrafo informal, vale repetir, como no consagrado artigo assinado por David Lowenthal (1985). Ao falar das metamorfoses ocorridas em Cabiúnas, integrante do município de Macaé, Cícero detecta um quadro de superação empreendido pela ação humana. Nesse tocante, qualquer alteração seja de um artefato, escultura ou no próprio cenário natural pode gerar estranheza, inquietação, desconforto ou até mesmo insatisfação. Assim sendo, os lugares estão encarnados nos sujeitos. São pedaços de cada um, extensões da existência do homem (NOGUEIRA, 2013) apinhada de reações, bem como apreensões. Cícero carrega um passado natural de um lugar não mais existente e frente as imagens hodiernas confronta com um pretérito por ele desbravado.

Ainda na galeria dos símbolos dos lugares e dos lugares simbólicos das cidades, prosseguimos apresentando o pórtico da entrada de Quissamã, pela sua representatividade e pela natureza de indicador geográfico, alcançando forte expressão nos trajetos de quem vai e vem de Macaé. Como notório, cidades pequenas, de interior e as turísticas possuem pórticos, portais nas entradas com intuito de referenciar o perímetro urbano e de recepcionar os turistas, bem como expandir a fama de detentor de algo muito específico.

Nas palavras de Adelma, moradora de Quissamã, *quando venho de Macaé, cansada do trabalho e passo pelo portal da cidade já me sinto em casa, me sinto bem, agora vou descansar do dia, essas coisas.* “Não há lugar como o lar”, formulou Tuan, em sua consagrada obra “Espaço e Lugar” (2013a, p. 11). É seguro e familiar, “é o sentido de pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido” (MOREIRA, 2012, p. 174), refúgio de proteção e simbolicamente significado. Os roteiros do dia a dia de mera aparência física, nas repetidas experiências, recebem contornos simbólicos (MELLO, 2011). Como nas palavras de Tuan (2013a, p. 178), “a vida é vivida e não é um desfile do qual nos mantemos à parte e simplesmente observamos”. Os indivíduos e grupos sociais não são simplesmente expectadores de



suas rotinas. Ao contrário, em suas existências diárias, criam marcas e signos, conferem sentido aos seus mundos vividos (MELLO, 2011; SEAMON, 2013). Um ponto pode assumir relevância de lar / lugar ou mesmo simbólico lugar.

Os lugares, enquanto centros de valores, podem atrair ou repelir, por exemplo, “uma praça pode ser um lugar de encontro, mas também de despedida, assim um mesmo lugar está em constante significação” (NOGUEIRA, 2013, p. 87). Dessa forma, lugares não possuem apenas sentidos de bem querência, apego, contentamento, visto que possuem a capacidade de ser símbolos de rejeição (MELLO, 2003), pois, o simbolismo pode assumir, conforme as experiências vividas, acepções positivas e negativas (FERNANDES, 2014).

Nessa galeria, de espaços discriminados por este ou aquele incômodo se encontra a ponte de Carapebus. Localizada na avenida central da cidade, também rodovia RJ-178, via acesso a todos que pretendem ingressar a Macaé naquele percurso. Contudo, o Departamento de Estradas de Rodagem (DER) interditou-a, desde outubro de 2015, devido às rachaduras e a um buraco de grandes proporções. A Prefeitura de Carapebus estabeleceu um desvio para manter o fluxo de veículos no local. O trânsito ganhou mais três quilômetros devido ao desvio, fato que desagradou aos transeuntes. Como na fala de Lea: *a ponte de Carapebus está complicado ali, não consertam e atrapalha demais a gente. É mais longe, o caminho tem buraco, quebra-molas e quando chove, tem lama. Está péssimo.* Em outra declaração Horácio exclamou: *aquela ponte de Carapebus deveria ser consertada rápido, está demorando muito, não entendo, mesmo em ano de eleições. Aquele desvio é horrível, todo dia ir para Macaé e passar ali, atrasa nossa vida.* O abandono e descaso por parte do Poder Público com relação ao problema da referida ponte promove um sentimento de indignação, repúdio e rejeição nos grupos sociais e indivíduos usuários daquela importante via.

Simbolizar é significar. Indica a conformidade entre os artefatos e as ideias, bem como os sentimentos que as pessoas tecem. Por isso, consoante com as experiências diárias, lugares adquirem conteúdos de contrariedade, descontentamento e aversão. Assim, “no lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes” (MOREIRA, 2012, p. 174). Enquanto fenômeno da experiência, um lugar pode ter seu lado feio, não sendo representado ou significado como encantador e acolhedor (RELPH, 2012). No caso a inutilidade da ponte causa atrasos e transtornos às pessoas em direção ao trabalho ou retorno à casa.



Os símbolos, as centralidades, os significados, a permanência, assim como, os movimentos cotidianos, as danças do lugar constroem o sentido de lugar (MELLO, 2012). “Não importa se o local é natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo” (OLIVEIRA, L., 2012, p. 12). À vista disso, desabrocham lugares simbólicos individuais e coletivos.

Complementando, uma praia, um estádio, uma ponte, um pórtico, podem transcender suas condições originais metamorfoseando-se em lugares/símbolos. Nessas circunstâncias, emergem nas experiências, podendo ser divulgados ou apenas cultuados no íntimo. Alguns deles são “transitórios, outros imorredouros. Mas, permanecem sendo construídos ou esquecidos” (MELLO, 2003, p. 10) pelas pessoas nos rumos, percursos e trajetórias da vida.

O lugar enquanto mundo vivido surge de uma construção intelectual dos indivíduos e grupos sociais decorrentes das relações de pertencimento e de posse com os artefatos (MELLO, 2008), florescendo e ecoando nas rotas, nas estradas, nas vias, caminhos e na vida, nas histórias e geografias vividas. Por isso,

pensar ainda os lugares para além da localização nos permite entender os lugares do outro, pelo outro. Compreendemos a necessidade de ver o lugar a partir dos olhos de quem o viveu, o vive e o experiencia, desta forma não corremos o risco de ver a partir de nossos valores, do nosso “estado de espírito”, de nossa visão de mundo, o que implica construir uma imagem distorcida dos lugares. O lugar deve ser compreendido na sua dimensão não apenas material, mas também simbólica: compreender que os lugares expressam a relação entre estes e seus habitantes, esta relação tem uma dimensão psicológica e sócio-psicológica (NOGUEIRA, 2013, p. 88).

Os lugares/símbolos foram apresentados pelos que vivem, percorrem, labutam no dia a dia criando e elucidando seus diversos significados. É o saber geográfico humanístico, utilizado para conhecer, entender e preservar os lugares do cotidiano tão essenciais à vida.

Neste desfecho, à geografia humanista cabe o importante papel de conhecer e interpretar o mundo cotidiano das pessoas com o intuito de valorizar o homem, o seu conhecimento e principalmente os seus lugares. Portanto, este texto visa elucidar os resultados dessa investigação e interpretação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**





As pessoas vivem, pensam e fazem geografias diariamente. Dito isso, os sujeitos não podem mais ser colocados entre parênteses e nem considerados como entes passivos (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). Para tanto, vale ressaltar, como “uma contribuição durável do movimento humanista em geografia ter lembrado aos geógrafos a importância essencial dos laços entre o sujeito e seu mundo” (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 102). Os sujeitos de nossa pesquisa, os seres humanos, produzem seus lugares de afeição, de pertencimento, de referência e mesmo de embates e lutas nas ações cotidianas no espaço por vezes tornados lugares.

Dessa forma, para um conhecimento do mundo vivido dos sujeitos, que vivem e fazem geografia em suas trajetórias em Quissamã, Carapebus e Macaé, foram realizados trabalhos de campo experienciais, entrevistas abertas e conversas informais no próprio ambiente dos indivíduos, nos momentos nos quais realizam suas rotinas diárias dentro dos ônibus ou a espera deles para se deslocar ao trabalho ou retornar às residências. O aporte fenomenológico nos permitiu conhecer por meio de entrevistas pessoais o universo vivido dos indivíduos e grupo em tela (NOGUÉ Y FONT, 1985) para uma interpretação do mesmo de maneira qualitativa prezando pelos significados, pelas experiências vividas, pelos sentimentos e valores humanos com o intuito de desvelar as rotinas espaço-temporais, os movimentos cotidianos no espaço, as danças do lugar e os lugares simbólicos no eixo vivido e no ziguezague de rotas estudado.

Cabe frisar, a libertação concedida pela fenomenologia no âmbito da geografia humanística. Dito isto, no presente texto não nos aprisionamos às tiranias metodológicas e ideológicas do cientificismo e do positivismo (HOLZER, 2010; 2012a), o que nos permitiu autonomia na escrita, sem as amarras do uso da mesma pessoa verbal ao longo do texto e, na mesma linha, com a autora envergando uma relação de proximidade e mescla/motivação/envolvimento com a temática. De certo, essa pesquisa mergulhou nos mundos vividos de pessoas que, como eu, vivem um devir diário de casa-trabalho-casa, atribuindo-lhes diversos significados através do pertencimento, da criatividade e da história e cultura de vida.

Nessa trilha, em meio aos movimentos cotidianos, as rotinas espaço-temporais e as danças do corpo constituintes do balé dos lugares foram valorizados, nos relatos e nas falas dos entrevistados, por exemplo, a fadiga, a exaustão e o cansaço atenuados, em muitas oportunidades, pela exuberância da natureza e os encantos do mar. As danças



diárias (danças do lugar) realizadas pelo corpo revelam como corpo, lugar e movimento se encontram interligados.

Na mesma direção, são indicados o transporte e a estrada, precários e importantes componentes da dinâmica dessa mobilidade empreendida no dia a dia. Porquanto, os veículos que conduzem os transeuntes aos seus lugares devem ser considerados nas coreografias cotidianas (MELLO, 1991), tanto quanto as vias, no sentido de que ambos influenciam diretamente as migrações festivas ou sofridas dessas pessoas.

Ainda na esfera da concepção e dinâmica das danças do lugar situa-se a sensação de monotonia e repetição, posto que como mobilidade habitual define-se um deslocamento constante de acordo com uma trajetória previamente determinada, sair da residência, ir ao local de trabalho e retornar. A categoria de movimento cotidiano no espaço (SEAMON, 1980) é considerada e exibida nas descrições e narrativas na qualidade de qualquer deslocamento espacial do corpo (SEAMON, 2013).

No que diz respeito a relação trabalho e deslocamento, nos discursos e declarações, mesmo perante as adversidades no que refere à mobilidade, às condições das rodovias, ao transporte e ao próprio esgotamento físico, os depoentes reconhecem a dádiva do vínculo empregatício. Todavia, há uma insatisfação pelo desemprego na cidade de residência.

Em suma, a pesquisa procurou revelar aqueles locais que se encontram além da sua materialidade apresentando simbolismo e expressão nos eixos vividos Quissamã, Carapebus e Macaé. Neste escaninho, afloram lugares simbólicos individuais e coletivos mesclados pelas experiências, pelos valores e pela cultura no tempo e no espaço. São eles exibidos e explicados para uma valorização do caráter simbólico dos lugares, bem como, para o reconhecimento e engrandecimento do universo vivido de indivíduos e grupos sociais em seus percursos, trilhas e caminhos mais cotidianos e elementares plenos de sentidos e, conseqüentemente, de relevância para registro e entendimento na academia.

## REFERÊNCIAS

BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, J. N. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. (Trad. Oswaldo Amorim Filho) In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L.



(orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações Espaciais. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. (Orgs.). **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. (Orgs.). **Olhares Geográficos:** modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Berthard Brasil, 2012.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura:** edição comemorativa – (1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2008.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, M. Descortinando o universo simbólico de um lugar. **Revista Perspectiva Geográfica**, n. 11, v. 9, 2014.

HOLZER, W. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural:** uma antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b.

LOWENTAHL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1985.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 – uma introdução à Geografia Humanística. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.



MELLO, J. A Humanização da Natureza – Uma Odisséia para a (re)conquista do Paraíso. In: SILVA, S. T. **Geografia e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

MELLO, J. Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “Deslugares”. Revista **Espaço e Cultura**, NEPEC/UERJ, 2003.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Espaço e Cultura**: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A Humanística perspectiva do espaço e do lugar. Revista **ACTA Geográfica**. Ano V, n. 9, jan./jun., 2011.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do Lugar sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis**: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas. São Paulo: Contexto, 2012.

NOGUÉ Y FONT, J. Un mètode de treball humanista. In: Documents d’Anàlisi Geogràfica, n. 6, 1985.

NOGUÉ Y FONT, J. El paisaje existencial de cinco grupos de experiência ambiental. Ensaio metodológico. In: BALLESTEROS, A. **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikostau, 1992.

NOGUEIRA, Amélia Regina. Lugar como a representação das existências. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C. (Orgs.). **Maneiras de Ler**: geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

OLIVEIRA, L. Sentidos de Lugar e de Topofilia. **Geograficidade**. V. 3, n. 2, inverno 2013.

OLIVEIRA, R. Do espaço fechado ao espaço coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área Central de Nova Iguaçu, RJ. In: RIBEIRO, Miguel Angelo (org.). **Território e Prostituição na Metrópole Carioca**. Rio de Janeiro: Editora Ecomuseu Fluminense. 2002.



PEREIRA, M.; CORDEIRO, S.; ARAÚJO, D. Estrutura do estrato herbáceo na formação aberta de Clusia do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, RJ, Brasil. *Acta bot.* 18 (3): 677-687. 2004.

RELPH, Edward. Reflexões sobre Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and Place-ballets. In: BUTTIMER, A.; SEAMON, D. (eds.) **The Human Experience of space and Place.** New York: St. Martin's Press, 1980.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. (Trad. Paulo Mauricio Gonçalves) **Geograficidade.** V. 3, n. 2, inverno, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. A view of geography. *Geographical Review.* 81(1): 99-106, 1991.

TUAN, Y. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013a.

TUAN, Y. A cidade: sua distância da natureza. **Geograficidade.** V. 3, n. 1, verão, 2013b.